

Internacional

# Os desafios da exportação, além da lavoura

Marcus Vinicius Menoita\*

A investida dos produtores brasileiros de algodão nos mercados internacionais, que elevou o país do papel de importador a um dos cinco maiores exportadores globais do produto em apenas seis safras, vai muito além de uma demonstração da força do agronegócio nacional. Um impressionante salto de 1.244%, partindo de 30 mil toneladas exportadas na safra 2000, para mais de 390 mil toneladas em 2005. Essa investida expõe a disposição desses produtores, homens de negócios e empreendedores, na projeção de suas empresas para a perpetuidade. O acesso ao mercado internacional passa a ser, como se demonstrará a seguir, uma medida de sobrevivência.



ROSEVELT/CASSIO FOLHA/IMAGEM

Armazém de algodão: Santos, SP, 2004

O agronegócio do algodão mudou: está estigmatizado pela alta volatilidade dos preços, pelo excessivo nível de competição – acentuado pelos subsídios dos Estados Unidos aos seus produtores –, pela concentração mundial dos países consumidores e por constantes mudanças conjunturais. Como resultado, é uma atividade de temidos riscos. Apenas com crescimento sustentado pode-se enfrentar esse novo cenário adverso. Foi na exportação que os produtores encontraram a via eficaz para o desenvolvimento simultâneo de competências críticas de sucesso no segmento. São elas:

**Estrutura de capital** – A cultura do algodão demanda aplicações intensivas de capital. Seu custeio, portanto, impacta decisivamente os resultados econômico-financeiros. Assim, é imperativo que se estabeleçam estratégias consistentes e de longo prazo que tragam os atuais níveis de custo de capital a patamares mais baixos. Está claro que o custo financeiro do Brasil é muito alto, seja pela escassez de recursos provocada pela política monetária, seja pela própria percepção internacional do “risco Brasil”. O benefício das exportações é que ela abre acesso a linhas de crédito mais competitivas, diversificadas e longas, por meio dos *pre-crop financing*.

**Gerenciamento de risco** – A liquidez do mercado internacional, por vezes intensificada pela constante presença dos *merchants*, propicia aos produtores a oportunidade de negociarem safras com um horizonte mais longo, travando assim suas rentabilidades (*hedge*). Paralelamente ao risco de preço, as exportações acabam exercendo o gerenciamento de risco cambial e o balanceamento de ativos e passivos em moedas diferentes.

**Boas práticas de negócio** – As práticas de qualidade e desempenho – dentro e fora da porteira – exigidas pelos importadores demandam um desenvolvimento e um aprimoramento de gestão dos exportadores que, por sua vez, elevam os prêmios pagos por suas *commodities*. Trata-se de um círculo virtuoso.

**Escala e continuidade** – É importante estabelecer uma linha consistente de crescimento. A exportação solidifica o crescimento, ao apresentar novos mercados que equilibram as oscilações do interno. Volumes maiores permitem diluir custos fixos e aumentar a eficiência e a produtividade de ativos, proporcionando maior competitividade.

**Acesso à tecnologia** – O rigoroso e concorrido mercado internacional é seletivo. Apenas participantes que ofereçam qualidade e preço podem acessá-lo. Nesse sentido, a introdução de novas e modernas sementes é importante. Soma-se às questões da biotecnologia a também importante atualização das áreas de mecanização, beneficiamento e gestão administrativa e operacional.

A boa notícia é que as exportações têm se mostrado um canal consistente e assíduo de comercialização, e não apenas uma oportunidade pontual. Se, de um lado, os benefícios aos produtores brasileiros são nítidos e tangíveis, por outro, existe um forte interesse da comunidade internacional pelo produto brasileiro. As condições macroeconômicas projetam crescimentos ainda maiores da participação brasileira nas exportações totais, permitindo ao país almejar postos mais altos no *ranking* dos líderes. Não é raro escutar que o Brasil poderá ser um dos três maiores exportadores do mundo, em poucas safras.

Observem-se as vitórias do Brasil contra os subsídios dos EUA, apontando uma diminuição nos imensos e distorcidos volumes produzidos por aquele país, em uma competitividade sem fundamentos sólidos. Ou, ainda, as dificuldades de produção da China e da Austrália, por limitações em terras agricultáveis e déficits de água para fins de irrigação, além da presença maciça da colheita mecanizada nas lavouras brasileiras, garantindo algodão com baixa incidência de contaminação. E, finalmente, podemos ver um cenário futuro com projeções altistas para o preço do petróleo, o que torna a fibra natural mais

atraente economicamente, em relação às fibras sintéticas, como o poliéster.

Definitivamente, pode-se afirmar que os fatores que sustentam as estimativas otimistas são sólidos e coerentes. No entanto, as referências do mercado internacional têm mudado com brutal velocidade nos últimos anos. Como exemplo, o parque têxtil transferiu-se dos Estados Unidos e Europa para a Ásia, notadamente a China – responsável por quase 40% do consumo mundial de algodão. Somam-se à China o Paquistão e a Índia, alcançando esses três países 2/3 do consumo mundial. É para a Ásia, portanto, que converge a maior parte das exportações brasileiras e de todos os outros países exportadores. Nesse aspecto, ainda que o produtor brasileiro se empenhe no desenvolvimento de todas as competências críticas comentadas acima, ainda tem de transpor obstáculos que escapam ao seu controle e caem no cesto da logística nacional e intra-regional.

Exemplo gritante dessa problemática logística é, por exemplo, o volume de despesas em que um cotonicultor mato-grossense incorre para levar seu algodão até o porto de Santos ou de Paranaguá. São quase as mesmas de um cotonicultor norte-americano para entregar o algodão produzido em Memphis, importante região produtora dos EUA, num porto da China. Não por acaso, a logística tem pautado, nos últimos anos, as mais diversas conferências, seminários e reuniões do setor, envolvendo todos os elos da cadeia de valor do algodão (fornecedores de fertilizantes, produtores, *traders*, operadores logísticos e governo). Trata-se de um evidente gargalo para o crescimento das exportações brasileiras, implicando dizer, gargalo para a própria sobrevivência do setor.

O problema logístico acarreta uma situação delicada: o Brasil, nos últimos anos, dobrou suas exportações nas mais diversas áreas, atingindo um saldo comercial de aproximadamente US\$ 45 bilhões, em 2005. Um recorde! Entretanto,



Fardões de algodão em pátio de usina beneficiadora; Paranapanema, SP, 2004

a infra-estrutura logística não acompanhou esse crescimento vertiginoso. Na contramão da história, os investimentos governamentais caíram para patamares históricos inferiores a 1% do PIB, levando ao entupimento de portos e rodovias. No setor algodoeiro, há agravantes: não fosse suficiente a simples falta de capacidade logística, a cotonicultura se depara ainda com o desconhecimento da maioria dos operadores quanto às melhores práticas de manuseio, movimentação e armazenagem dos fardos, o que põe em risco a qualidade e a integridade do produto. Além disso, exportar no Brasil exige um esforço burocrático sem limite.

Existem medidas exequíveis que poderiam atenuar e neutralizar a desigualdade do produtor brasileiro frente aos concorrentes internacionais. Por exemplo, o Brasil precisa diminuir a concentração da curva de vendas e substituir a urgência da comercialização — que deprecia preços e congestionam a logística — por contratos que atendam aos clientes durante o ano inteiro. Para isso, faz-se necessária a criação de mais armazéns no interior,

capazes de, simultaneamente, oferecer guarda e ferramentas financeiras de carregamento de estoque. Além disso, devem-se buscar modais de transporte de alta escala, como ferrovias e hidrovias.

A manutenção das rodovias é muito cara e a eficiência energética (consumo de diesel por tonelada e por quilômetro transportado) do modal rodoviário desce a níveis preocupantes, considerando-se os atuais níveis de preço do petróleo. Após a privatização, muito tem sido feito pelo setor privado nos modais alternativos, mas ainda é necessário que se estendam as linhas até as novas regiões produtoras. Se o acesso ao porto é crítico, a estrutura portuária também deve ser considerada. Nesse sentido, é hora de serem desenvolvidos, pelos operadores logísticos, serviços customizados para exportações de algodão, por meio da implantação de terminais dedicados e exclusivos para algodão, com mão-de-obra treinada, armazéns seguros e limpos e equipamentos adequados à movimentação dos fardos de pluma. Da mesma forma, é igualmente importante

a logística, por vezes esquecida, e que não passa por infra-estrutura: desenvolvimento de melhores e mais resistentes capas de fardos, rastreabilidade do plantio à entrega do produto, padronização dos lotes de exportação, cuidados com a documentação aduaneira e precisão nas informações, desde a fazenda até a emissão dos documentos de embarque. Portanto, a continuidade do sucesso da cotonicultura brasileira passa por um equilíbrio entre as já tradicionais e consolidadas vendas ao mercado doméstico e o ingresso no seletivo, rigoroso e competitivo mercado internacional. Os desafios atuais não mais se limitam à porteira, ou seja, a produzir algodão melhor e a um preço menor. Eles se estendem à luta pelo acesso, de maneira competitiva, aos novos mercados. 

\* **Marcus Vinicius Mencoita** é diretor da Maeda Agroindustrial ([marcusmencoita@maeda.com.br](mailto:marcusmencoita@maeda.com.br)).